

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.194

Quarta feira, 18 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha—Lisboa 5339-0

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 11 e 113

LUTAS ÉPICAS

OS HERÓIS DE ALJUSTREL

Recebei em vossa casa, camaradas, os filhos dos mineiros em greve! E' demasiado, já, o sacrificio dos adultos, evite-se o sofrimento dos pequeninos!

Esso trabalho de toupeiras, executado por homens que amam o ar puro; esse trabalho de forçados, forçados do salário feito em posições difíceis, que quebram o corpo, que torturam a alma; esse trabalho que na treva profunda das minas de Aljustrel pesa, como uma cruz de maldição, sobre o dorso cansado de proletários rudes — é pago por uma companhia rica, florescente, que no último ano arrancou lucros fartos da terra e à pele dos seus escravos, a 3500 diários e excepcionalmente a 5800!

Enquanto o sol bafeja de luz a terra fecunda e leva aos espíritos o encanto do seu calor, homens há que abdicam do direito que assiste a todos os seres humanos — o direito de viver à luz do dia — para mergulhar em vida nesses túmulos profundos, obscuros, infernaes e nas entranhas da terra perdem a alegria e a saúde, alimentando com seu sacrificio, que nada paga, os acionistas longínquos, ricos, que ignorando a dor que o seu bem-estar produz, vivem certamente à grande, alegremente, rodeados de confortos invejáveis a que a sua ociosidade não tem direito.

Tanto sacrificio desse rebanho de homens que arrancam à terra o precioso cobre, para quê? Para ao fim duma quinzena de trabalho não lhes darem paga que baste para comprar o pão negro reclamado avidamente pelos filhos raquíticos e semi-nús!

Desprezando esses heróis obscuros todos os confortos; bem de frente encaram o perigo ameaçador do não voltar a ver a luz, de car para sempre soterrados no rio da terra — para ao cabo de quinze dias de trabalho verificarem que a sua labuta negra não regou para fazer entrar no lar insólito a alegria duma boa ceia.

Fartos do sofrer, de ser vexados com um salário insuficiente, enquanto seus senhores, sem o mínimo esforço, em o menor sacrificio, se sentem mergulhados nas

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltaram-se! Revoltaram-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegasse, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver? Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tão duro, tão cruel, uma sensibilidade tão embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar a morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parcer-vos há impossível, leitores, a existência duma tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, ferroz, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vidas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretende que os esfaumados conjuem com fome, que as crianças se estiolam em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançar o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrificio, de heroísmo e abnega-

ção, os mineiros de Aljustrel reclamam melhor salário e ao mesmo tempo protestam contra a exploração de que tem sido vítimas.

Se eram miseráveis seus lares enquanto trabalhavam, se então os filhos passavam necessidades de confranger as almas mais endurecidas — calcula-se o que irá agora por aqueles turgidos, o que terão padecido essas crianças fracas e mal alimentadas!

Se há quem siga comovidamente — como tam triste acontecimento — a luta heroica dos trabalhadores de Aljustrel; se os que nos lêm reconhecem o direito de vender a esses que tem sido, por toda a vida, vencidos e atormentados; se existem almas sensíveis à dor alheia que tenham em casa uma cêdea de sobejo, porque não concedem às pobres crianças que nem uma cêdea possuem, um modesto lugar à sua mesa? Quem tem coragem (o sofrimento dos grevistas faria esquecer seu sacrificio) de sacrificar um pouco do seu relativo bem-estar, recebendo em casa, por algum tempo, até que seus pais alcancem a vitória a que tem direito, uma ou duas crianças, um ou dois filhos dessa gente humilde e torturada?

Já alguns camaradas nossos deram um exemplo admirável de solidariedade, aceitando em sua casa algumas dessas pobres crianças. Mas não haverá em Portugal, numa população de seis milhões de habitantes, número suficiente de almas boas que de fagueiro acolhimento a todos os filhos dos mineiros que lutam? Deve haver! Deve haver!

Nesta luta colossal contra o egoísmo dalguns acionistas anónimos e contra a ferocidade dum director, que pretende resolver o problema da fome com as baionetas da guarda-republicana, não dá o direito de sacrificar as crianças.

Socorrei-as, pois! E' suficiente, é demasiado já o sacrificio dos adultos!

Uma conversa com Santos Arranha

As opiniões do novo secretário geral da C. G. T. à cerca de vários assuntos de palpitante interesse para o operariado

VAMOS ENTRAR EM VIDA NOVA

Chegado anteontem lá da outra margem onde raros eram os ecos débeis da questão operária, e onde vivi numa ignorância quasi completa e sosegada, surpreendi-me a atmosfera nova que se está respirando em Lisboa após o Congresso da Covilhã. Ou me enganou no meu golpe de vista sobre a organização operária ou de facto se vai entrar numa vida nova, mais ampla em esperanças e talvez de proveitos mais proficuos.

Advinhei — oxalá não erre — no novo Comité Confederal uma vontade firme de trabalhar. Como cheguei a esta conclusão não o sei explicar. E' possível que um quê intraduzível em letra redonda que li no rosto do actual secretário geral da C. G. T. e dos restantes membros do Comité Confederal fosse a causa das minhas suspeitas de bom agouro.

Fiz a mim próprio perguntas varias que, se não obtiveram do meu intimo uma resposta positiva, me levaram não sei bem como nem porquê, a enfiar o nariz pelo longo corredor que nos conduziu da redacção ao lado oposto do edificio onde se instala o gabinete da Confederação.

Um convite seco bem correspondido, felizmente

Lá encontrei Santos Arranha, o novo secretário geral, em frente duma máquina de escrever, cujos segredos — confesso — não me ficaram — descobriu em alguns dias, não sem aturado trabalho.

Chovia; os vidros embaçados pela chuva mal deixavam passar a meia-luz recatada que a tristura do dia nos concedia, por favor, certamente.

Acomodei-me o melhor que pude numa cadeira e com certa surpresa de Santos Arranha disse-lhe: — Amigo, vamos conversar. Estranhou o energico militante das classes do mobiliário aquele convite seco. Percebi-o pelo olhar. Ele, coitado, não podia adivinhar as impressões fortes que me guiraram até à sua beira. Então, como o conversar não custava dinheiro na época presente, nunca é demais o debater-se alguns assuntos palpitantes. Santos Arranha accedeu ao meu convite, acomodou-se também numa cadeira, acendeu um fôrro e esperou. Esperei e não foi em vão.

Como deverá ser organizada a propaganda sindicalista na provincia

E fomos então à nossa conversa. — Você me desculpará — disse-lhe — mas temo a impressão de que o Comité Confederal tem algumas ideias novas acerca da organização. Será assim?

Santos Arranha compreendeu a curiosidade intensa que ardia dentro de mim. Principiui então a expor com grande franqueza, acompanhando as palavras com o seu sorriso atraente, varias opiniões acerca da futura acção do Comité Confederal e da C. G. T., opiniões que guardel sófregamente com aquela sofreguidão criada por tantos dias de isolamento numa praia deserta, onde fui buscar um pouco da saúde que me falta.

Num dado momento estávamos embebidos numa discussão amena acerca da propaganda sindicalista na provincia.

— Creio — dizia o novo secretário geral — que a C. G. T. deverá criar secções de propaganda na provincia, procedendo-se assim a um trabalho de descentralização absolutamente necessário.

— E em que pontos da provincia julga você que seria útil criar essas secções? — perguntei-lhe, curioso.

Santos Arranha meditou um momento. Durante o curto silencio uma bafeja de água tamborilou na janela.

— O Norte — fez eis — necessita duma secção. E' uma velha aspiração do proletariado do Porto. Daquella cidade, onde há militantes conscienciosos e competentes, pôde irradiar para as provincias circunvizinhas uma propaganda admirável. As Beiras precisam de outra.

— Sim, na Covilhã, devido à sua importância industrial, e ao meio operário enorme que lá constitui. Não falo em Lisboa onde está a organização central. O Sul deveria ser também contemplado com uma secção, em Évora, por exemplo.

Não regateei aplausos a tam interessantes opiniões que certamente o Conselho Confederal irá tornar realidade.

A organização operária vai dispensar à Juventude Sindicalista o melhor da sua protecção

Acendeu-se novo cigarro — maldito vicio! — e falámos com entusiasmo da regeneração humana. Discutimos a necessidade de criar à juventude trabalhadora um ambiente mais puro, de forma a afastá-la hábilmente dos vicios e poderias presentes, interessando-a pela beleza sedutora da sociedade futura.

— Tem-se discutido bastante, ao que me consta — avantei eu — a attitudão acolhedora da organização operária perante a organização juvenil.

— Aprovo — interrompeu o nosso camarada — essa attitudão acolhedora. O com os jovens, atraindo-os ao sindicato, confiando-lhes mesmo cargos administrativos e de propaganda.

— O que deveria (como isso seria útil à nossa causa) tomar maior incremento é a escola de militantes.

— Tem-se organizado com difficuldade — objectei — Em Lisboa as perseguições esfacelaram as escolas de militantes que nós, jovens, temos querido fundar. Na provincia a mentalidade, em regra mais baixa, faz-las deficientes. Apenas no Porto tem provado bem e prestado relevantes serviços.

— Estou convencido — teimou Santos Arranha — que no dia em que a C. G. T. estenda a sua protecção às Juventudes Sindicalistas, com tal arrimo, as escolas de militantes no resto do país, atingirão a perfeição que felizmente já tem no Porto.

Para o Conselho Confederal devem ser escolhidos os melhores militantes

Ontem o tempo estava um pouco frio. As minhas pernas mal curadas, trôpegas ainda, requeriam movimento com a mesma insistência com que os bebés pedem papá. Levantei-me e fui até às vidraças. Estancara a chuva, mas

o dia continuava baço e tristonho como um acompanhamento de entêrrão.

— Vocês — lembrei lá de junto da janela para o meu entrevistado que se ficara sentado à larga banca de trabalho — vão ter muito que fazer com os assuntos que ficaram pendentes do Congresso.

— Se vamos! — exclamou — E são trabalhos de peso os que o futuro Conselho Confederal terá de tratar. Tanto assim que o comité vai dirigir-se a todos os organismos, pedindo-lhes que nomeiem como delegados ao Conselho, os seus melhores militantes.

A scisão? A scisão não existe. Conciliação! Conciliação!

Houve um curto silencio.

— E a tal scisão? — perguntei de súbito.

Respondeu-me uma risada. E em seguida a voz de Santos Arranha em tom alegre e confiante:

— A scisão não existe. A discordância é tam pequena, tam pequena, prende-se a uma razão tam apagada, que quasi não vale a pena ligar-se importância ao caso.

E efectivamente o caso passou pela nossa conversa com leveza subtil, porquê o comité confederal vai recomendar aos velhos militantes cordura e carinho para

transcrever o que Angel Pestana observou no Congresso da III Internacional:

— Nesta reunião — a primeira — nomeou-se o *Prasidium* ou seja a presidência do Congresso.

O *Prasidium* é um organismo altamente significativo do que pode ser um Congresso onde um *Prasidium* se nomeia. Etimologicamente, o *Prasidium* pareceu-me pueril o empenho da delegação inglesa para fazer parte do *Prasidium*, pois foram afastados da sua composição, apesar de os holandeses e outras delegações apoiarem a sua proposta. Acostumado aos nossos congressos onde em cada sessão se nomeia um presidente para a mesma e a sua missão é orientar as discussões, conceder a palavra, pôr à aprovação as propostas, etc., etc., e na crença de que ali seria igual, não me parecia justificada a iniquificação dos ingleses. Mas mais tarde vi que tinham razão.

— Descrevo-vos rapidamente o que o *Prasidium* representa no Congresso, do contrario difficilmente se poderiam compreender certas coisas. Desde já faço saber que o *Prasidium* é o Congresso, e o demais é a caricatura do próprio Congresso.

O *Prasidium* ou presidência (chamei-mos-lhe assim que é mais fácil para nós) pode compôr-se de três, de cinco, de sete indivíduos ou mais, apesar de ser difficil alcançar um numero superior.

As atribuições desta presidência são muito outras e até diferentes das que tem a presidência dos nossos congressos.

A presidência pode alterar a ordem do Congresso, pois preside ao mesmo, como é natural: cada nova proposta que se faz, aparte as teses ou temas propostos pelo organismo que realiza o Congresso, devem ser apresentadas por escrito à presidência, a qual dar parecer sobre se se deve, ou não, discutir a proposta. Se a accita pode intrduzir-lhe modificações, ainda que o critério do autor seja oposto; se não a accita, pode o autor apelar para o Congresso. Mas como a presidência é nomeada por forma que representa maioria é como se pedisse peras ao coqueiro.

A presidência pode alterar a ordem do dia e a das discussões, apresentar propostas à deliberação do Congresso, responder quando lhe pareça. Numa palavra: a presidência tem a iniciativa do Congresso, pode propor e dispor a seu bel prazer e os delegados não fazem mais que discutir.

A comparação mais exacta que acho é a do nosso parlamento; mas sem banco azul, posto que o banco azul é a mesma presidência. Suprimamos o presidente do Congresso no nosso Parlamento e ponhamos lá os ocupantes do banco azul, e já teríamos organizado um Congresso com seu *Prasidium*.

Sabido é que no nosso Parlamento o governo tem a iniciativa dos projectos a apresentar, da ordem na discussão e de aceitar ou não as propostas que lhe possam fazer; indicar, quando um deputado pode falar sobre uma interpegação; quer dizer que a iniciativa dos debates parlamentares são da competência do governo. Pois bem, naquelle Congresso a iniciativa pertence ao *Prasidium*.

— Por isso na nomeação da presidência radica o labor, mais importante, e se uma fracção alcança a maioria na presidência é a dona do Congresso e impõe as suas ideias.

— Em todos os Congressos há sempre uma direita, um centro e uma esquerda, como resultado das discussões, se os

que, não sabendo como, encontrámo-nos ambos a tecer elogios a uma politica de conciliação que o comité deve seguir.

— Esperamos, devido à lealdade com que nos apresentamos, atrair a nós todos os elementos sindicalistas de boa fé.

— Que os outros, os que não são de boa fé não fazem falta — rematei.

O lugar das classes médias roubadas e exploradas é ao lado dos trabalhadores

— Meu caro amigo — disse-lhe a certa altura, tomando um ar grave, a altura das circunstâncias — há um problema que os militantes operários tem decurado lamentavelmente.

— ?

— O das classes médias.

— Tem você razão — concordou o novo secretário geral. — Temos obrigação de fazer compreender às classes médias que exercem funções úteis, bem entendido, que o seu lugar é a nossa lado. Não se compreende que o médico, o engenheiro, o agrônomo vivam longe de nós, tomando-nos, por vezes, como inimigos, quando eles também são trabalhadores, explorados, vítimas da sociedade capitalista. A classe operária e a classe média precisam aproximar-se.

Remodelação difícil

A remodelação dos estatutos da I. S. Vermelha não está no interesse da III Internacional, nem a C. G. T. portuguesa poderia influir nesse sentido — uma das razões que influíram na decisão da Covilhã

Não era necessário que Perfeito de Carvalho nos dissesse no Congresso da Covilhã que a I. S. V. difficilmente remodelaria os estatutos. Nós já o sabíamos. Para que os estatutos da I. S. V. sejam remodelados, necessário é que a Internacional Comunista ponha inteira e absolutamente de parte a condição 9.ª das famosas 21, que são a base da sua existência e que ressa assim:

— Qualquer partido que deseje pertencer à Internacional comunista deve, sistematicamente e tenazmente, desenvolver uma actividade comunista dentro dos sindicatos, entre os conselhos dos operários, nos conselhos de direcção, nas cooperativas de consumo e em todas as organizações onerárias. Dentro destas organizações é necessário criar células comunistas que, com um trabalho persistente e tenaz, conquistem para a causa do comunismo os sindicatos, etc. Estas são obrigações, no seu trabalho cotidiano, a desmascarar em toda a parte a traição dos social-patriotas e as oscilações dos centristas. As células comunistas devem estar completamente subordinadas ao partido.

Esta condição é, por assim dizer, a chave de toda a actividade tendenciosamente politica de absorção dos sindicatos, que, no campo internacional, tem a expressão na inter-penetração estabelecida nos estatutos da I. S. V., reforçada com a solução Rosmer-Tom Mann.

Quando nós dizemos que a posição tomada na Covilhã por alguns camaradas sindicalistas revolucionários resulta dum equívoco, fundamentamos-nos em que eles não tinham bem presente no espirito aquella circunstância, fundamental e imperiosa por parte dos partidos comunistas.

Perfeito de Carvalho disse bem e nós não temos que criar ilusões a tal respeito: difficilmente os estatutos serão modificados. Os partidos pretendem apoiar-se nas massas e o partido comunista, como os demais partidos socialistas, querem utilizar-se das sindicalizações. A Internacional comunista não largará facilmente a presa que está representada a I. S. V., visto que esta vai buscar a sua força ao seio dos próprios sindicatos, onde constituirá as células comunistas que devem estar subordinadas ao partido.

Parece que esta questão é bem clara e só pode dar razão à decisão do Congresso da Covilhã. Alegavam alguns que desde que se desse ingresso na I. S. V. modificaria-se a sua estrutura e a isso objectariam outros, com logica de ferro, que, a ser assim, não havia que criar a própria I. S. V., visto que poderiam encontrar todas as centrais revolucionárias em Amsterdam e remodelarem aquella Internacional, que é 2 mais poderosa em numero de componente.

E, de facto, se não é facil remodelar a Internacional de Amsterdam, muito menos é facil remodelar a de Moscova. Sujeita pelo n.º 9 das 21 condições à Internacional Comunista, a I. S. Vermelha só poderia deliberar depois que se pronunciasse a comunista — a não ser que a emenda venha pior que o soneto. (a isto só o tempo responderá). Entretanto convém dizer que uma das razões porque não é facil qualquer remodelação nos estatutos é o próprio modo como funcionam os seus congressos, absolutamente diferente daquele porque funcionam os congressos sindicais.

A este respeito é muito interessante

mesmos funcionam como entre nós; isso não tem grande importância, pois não tendo a presidência atribuições extraordinárias, a maioria conquista-se com razões ou com sofismas que o pareçam, a luz do dia, claramente, na sala das sessões; mas com uma presidência como a exposta, a situação de cada grupo e o que aceite ou não os seus pontos de vista, não está na maioria dos delegados; é a presidência que o faz. Por isso a intriga e a situação excepcional de um grupo ou fracção determinada, ou o convencido de que pode decidir das votações, é o que dá entrada na presidência.

Compreendeis porque disse que a presidência é o Congresso e o demais sua caricatura?

A composição e atribuições extraordinárias nos Congressos da I. S. V. poderião não ser assim estabelecidas. E depois? Poderia a Central portuguesa mesmo assim influir num Congresso daquele organismo?

Quem nós vai responder é a forma como são feitas as votações nos seus Congressos: Os organismos nacionais de 10 a 25 mil membros, tem um voto deliberativo; de 25 a 100 mil membros, dois votos deliberativos; de 100 a 250 mil membros, quatro votos; de 250 a 500 mil, seis votos; por cada 500 mil acima daquele numero, mais um voto deliberativo.

Resulta assim que Portugal teria dois votos, o mesmo acontecendo aos outros pequenos países.

Não se tem em vista que num país pequeno a organização tem que ser necessária e correlativamente pequena, sem que isso faça, no entanto, significue um menor valor.

Não se pode provar que uma cifra maior, em sindicalismo, corresponda a um valor absoluto. Tratando-se de grandes países, esse valor é possivelmente mais reduzido comparativamente aos pequenos países, mas em que, proporcionalmente, a população sindical é superior.

Por outro lado, o grau de influencia revolucionária que uma organização de 100 mil sindicados exerce num país de 6 milhões de habitantes, se não é superior, é pelo menos igual à influencia de 6 milhões de sindicados dentro dum país de 100 milhões de habitantes.

Nos estatutos da I. S. V., o sistema de votações obedece ao principio imperialista das grandes nacionalidades em relação às pequenas, ou seja a negação de todo o espirito sindicalista revolucionário.

Neste particular, Amsterdam não é tam imperialista. O seu sistema de votação é este: até 250 mil, um voto; 500 mil, 2; um milhão, 3; por cada 500 mil mais, um voto suplementar.

Quere dizer: enquanto que Amsterdam estabeleceu para um milhão, 3 votos, Moscova estabeleceu 7. Deste modo só a Rússia que tem organizados, obrigatoriamente e manejados pelo partido que dispõe do governo, 6 milhões de sindicados, tem direito na I. S. V. a 17 votos!

Poderão alguma coisa 2 votos contra 17? Junta-se aqueles 17 dos países cuja organização sindical se conta também por milhões e que está sob a dependência de partidos que são aderentes à Internacional politica de Moscova e veja-se se o Congresso da Covilhã teve ou não mais esta razão para votar antes os principios sindicalistas revolucionários de Berlim.

A nova lei do inquilinato e as propostas de finanças

Um aviso aos inquilinos para não serem mais defraudados

Ao que temos podido observar nas discussões que giram à volta dos aumentos ao inquilinato que o art. 25 da lei 1368 permittem, a salgaçada de números só tem aumentado a confusão, ponto de ser necessário nomear uma comissão especial para achar o melhor modo de interpretar aquella lei.

Já disso nos fizemos eco. Mas a verdade é que senhores há que, mesmo em terem principiado a pagar ao Estado contribuições superiores às que pagavam, já estão aumentando as rendas aos inquilinos.

Estes lá vão pagando, não o que determina a lei — visto que não está ainda esclarecido o modo da sua applicação, mas aquilo que cada senhorio arbitra muito a seu belo talante.

Os inquilinos pagam, supondo que já os forçados a pagar, e pagam mesmo alguns daqueles que, tendo firmado os seus contratos de arrendamento depois de 1918, nada tem a pagar além de que do mesmo arrendamento consta.

Há, como sempre, da parte dos senhores que assim procedem, um abuso que roça pelo vigarismo, pela ladrocinha; e há por parte dos inquilinos que se sujeitam muita ingenuidade.

Ora é necessário que o inquilinato saiba que nada ainda tem a pagar além do que já pagava para a engorda dos banguessas detentores da propriedade, e que, exactamente porque são banguessas parasitários, tratam de pagar e esfolar o desgraçado inquilino sempre que se lhe apresenta ensejo.

A esse respeito e como aviso aos inquilinos ludibriados, o sr. Luis António Pereira Torres, antigo escrivão de fazenda de concelho capital de Distrito aposentado e que dispõe dos necessários conhecimentos para conhecer a fundo a questão, envia-nos uma

o rendimento ilíquido é de 10\$00
Como o abatimento constante da matriz é de 10%, 1\$00
O liquido sobre que se paga a contribuição é 9\$00

Sobre esse liquido o senhorio aumenta 2,5, isto é, 250 %.

Renda que o inquilino passa a pagar, 9\$00 x 2,5 = 22\$50

1917
Renda constante da matriz 10\$00
Renda líquida 9\$00

O senhorio aumenta 1,5, isto é, 135 %, 9\$00 x 1,5 = 13\$50

1919, desde 17 de Abril e de aí por diante

A renda é a que consta da matriz: o senhorio não pode aumentar nada.

O 3.º do artigo 25.º manda considerar para o aumento o rendimento liquido, tenha-se ou não presente.

Mas quem quizer aplicar o factor sobre o rendimento ilíquido, pode fazê-lo applicando com respeito ao ano de 1914 a percentagem de 225 % e com respeito ao ano de 1917 a percentagem de 135 %. O resultado vem a dar-lhe a mesma importância do aumento.

Note-se que o senhorio não vem a pagar a contribuição predial sobre as rendas que o inquilino lhe vai pagar.

A contribuição será a seguinte:

Renda de 1914 22\$50
30 % de desconto 6\$75

Líquido 15\$75

Como a contribuição é de 10 % vem a pagar 1\$57,5

Renda de 1917 13\$50
15 % de desconto 2\$02,5

Líquido 11\$47,5

Vem a pagar 1\$14,7

1919 por diante

O rendimento colectavel que consta da matriz com o abatimento de 10 %

A execução da lei está dependente do regulamento, e na parte de que se trata deverá mesmo estar dependente

da ocasião em que o senhorio comece a pagar segundo as novas rendas, o que não pode já ter lugar no ano corrente. E com muito trabalho virá a ter lugar em 1923.

A diferença de rendimentos ilíquidos e líquidos que vão figurar na matriz todos podem calcular o trabalho que vai dar.

Como alguns senhores já aumentaram despididamente as rendas, é da maior justiça que uma providencia ministerial os obrigue a repôr ou a descontinuar nas rendas futuras o que a mais receberam. Os novos arrendamentos que de má fé extorquiram, devem ser anulados.

O novo rendimento da matriz está como já se disse determinado no artigo 25 mas se a renda constante do arrendamento for superior, então — e julgo excessado explicar o motivo — será o do arrendamento.

Simplemente o governo não dará providencia alguma para obrigar o senhorio a descontar ou repor as importâncias indevidas e abusivamente recebidas nas rendas transactas. Não abrigamos essa esperança.

Essa restituição só se fará pelo esforço directo dos próprios inquilinos. Nesse sentido é necessária uma preparação que desde já pode ser feita entre os inquilinos.

E como a restituição incide apenas sobre o estorquido ilegalmente, nenhuma autoridade poderá intervir — salvo se o Estado ainda uma vez mais, como sempre, proteger o roubo duplo dos possuidores que tripudiam com a necessidade e a miséria da maior parte do inquilinato.

Na mesma altura todas as explosões de protesto estão por sua natureza e de antemão justificadas.

C. G. T.

Comité Confederal

Segundo resoluções últimamente tomadas, reúne hoje, às 21 horas, em sessão ordinária.

AS GREVES

SINDICATO DO PESSOAL

Classes que reclamam

Vida Sindical

COLISEU DOS RECREIOS

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIAL

Camaradas! Acallando as resoluções tomadas na sessão magna de ante-onde, 16, oficiamos aos armadores para que nos marcessem a hora para com eles nos entrevistarmos a fim de mais uma vez lhes fazermos sentir que nós, apesar de rudes homens do mar, ainda possuimos alguns conhecimentos de civilização e até a educação precisa para tratar com aqueles senhores, a forma mais viável de que o nosso conflito seja resolvido airoso e sem desonra para ambas as partes.

Não recebemos durante o dia até a hora de elaborar esta nota, qualquer documento dimanado dos srs. armadores que ao menos accusasse a recepção do ofício que nós lhes enviávamos.

Para mais uma vez fazermos sentir que não somos tão incoerentes como os armadores nos tem apelidado, aguardamos que aqueles senhores acusem hoje a recepção do ofício enviado.

Se o silêncio continuar, então diremos da razão que nos assiste.

A tripulação do *S. Miguel* abandonou ontem o navio, visto ter dado o resto da carga.

Estes camaradas são dignos de elogio pela sua franca solidariedade.

Vivam as classes marítimas de Longo Curso!

A Comissão de Melhoramentos.

Operários da fábrica de cerveja Portuguesa

O pessoal de enchimento da fábrica de cerveja Portuguesa, em número de 25 homens e 60 mulheres, abandonou ontem o trabalho ao meio dia em virtude de não serem atendidas as suas reclamações.

Aqueles trabalhadores, que auferem salários de 250, homens, e 180, mulheres, reclamam agora os salários de 500 para homens, e 380 para mulheres, nas 8 horas de trabalho, e as extraordinárias a dobrar, segundo a respectiva lei.

O director, quando uma comissão do pessoal lhe foi pedir uma resposta a essas reclamações, disse não poder aumentar, acrescentando que a porta da rua estava aberta!

Certamente a pobreza da companhia é de tal ordem que não pode atender a essas reclamações. E não obstante o público tem pago a cerveja pelo preço que a companhia quer.

Sindicato Unico Metalúrgico

Encontrando-se em greve o pessoal de enchimento na fábrica de cerveja Portuguesa e estando a este Sindicato alguns metalúrgicos que se trabalham se prestaram a executar esse serviço, a comissão administrativa exortou esses metalúrgicos a desistirem desse gesto, por brio profissional e ainda porque estão tirando um movimento de todo o ponto justo, como o de aquele pessoal poder adquirir mais um pouco de pão.

Ferrovários do Sul e Sueste

Já ontem a greve de braços caídos teve início por parte de todo o pessoal ferroviário do Sul e Sueste. Aquele pessoal está na disposição de prosseguir neste movimento justo, enquanto não vier satisfeitas as suas justas reclamações.

Desde as 19 horas de ontem também foi por aquele pessoal iniciado o movimento de recusa em trabalhar horas suplementares em serviços considerados de urgência.

Operários das tecidos de seda

Apesar de entrarmos na 4.ª semana de luta não há a mínima defecção. Os industriais pretendem esmagar-nos pela fome, mas enganam-se, porque as energias ainda estão intactas.

A classe está disposta a não refofear o trabalho sem que sejam satisfeitas as suas justas reclamações.

Recebeu-se o auxilio material da fábrica Sequeira.

A Comissão da Greve

Metalúrgicos da firma José Maria Pires

Apesar de quatro incoerentes pretendendo com o seu impensado gesto, prejudicar o moral que os grevistas desejam manter, a greve mantém-se, e é de esperar que o pessoal em luta remova os obstáculos que se antepeem à sua vitória.

Entretanto o Sindicato continua recomendando a todos os metalúrgicos, que não devem trair os grevistas, indo trabalhar para a oficina da firma José Maria Pires, enquanto o conflito não estiver solucionado, sob pena de traição à causa operária.

No Barreiro

Manufactureiros de calçado

Em virtude de não terem sido atendidas as reclamações de aumento de salário formuladas pelo Núcleo de Manufactureiros de Calçado desta localidade, os industriais de sapataria, os operários e os aprendizes, abandonaram o trabalho, deixando a fábrica em estado de abandono.

O Núcleo apela para todos os manufactureiros de calçado do país, para que não venham trair a sua causa, pois ela representa o seu pão e o de suas famílias.

A sessão terminou aos vivos à Federação de Calçado, Couros e Peles, à C. G. T. e à Batalha.

EM ALJUSTREL

Os mineiros mantêm-se entusiasmados

ALJUSTREL, 15.-C. — Encontra-se nesta localidade o camarada Jerônimo de Sousa, delegado da C. G. T., que veio aqui a pedido do Sindicato Mineiro e Metalúrgico, em greve.

Aquele camarada juntamente com uma comissão dos operários em greve avisou-se com o sub-director das minas, sr. Gerard.

Mais uma vez vimos manifestada a teimosia dum camarada que lá longe no estrangeiro esquece a miséria dos trabalhadores que tem grandes lucros lhe tem dado.

Realizou-se à noite uma sessão magna, em que Jerônimo de Sousa usou da palavra, recordando a primeira vez que veio aqui. Nessa ocasião procurava a solidariedade dos operários mineiros para com os restantes do país, hoje traz a solidariedade da C. G. T. Falou ainda o camarada Alves.

Por fim foi aprovada por unanimidade, no meio do maior entusiasmo uma moção mantendo a greve até serem satisfeitas as reclamações.

Terminou a sessão entre inúmeros vivos.

algumas fracas cascas de laranja

sempre presidiu a todas as sessões. Já a despedir-me, prooveu ainda algumas declarações.

—Projectos do comité, há alguns? — Ainda não tivemos tempo para isso. Por enquanto pensamos apenas em coligar os trabalhos que o Congresso nos legou, realizando desde já o que for realizável, submetendo outros a comissões de estudos idóneas.

—E' bastante por agora — fiz ainda, apertando a mão ao actual secretário geral, que parece decidido a empregar toda a sua energia e inteligência em bem cumprir a missão que lhe foi confiada.

E sai com o fogo da minha curiosidade de apaziguado...

Mário DOMINGUES

Pro-mineiros de Aljustrel

Os filhinhos dos mineiros encontram protecção

O apelo lançado aos operários conscientes e sentimentalistas, para a tomada dos filhinhos dos mineiros de Aljustrel enquanto perduram a luta, encontrou eco.

A disposição de vencer desses lutadores, leva-os ao ponto de sacrificar um pouco o seu amor de pais e confiar os seus entes queridos ao cuidado de camaradas dedicados.

Hoje, são os camaradas Jorge Joaquim Alves, Adriano Alves Oliveira, Domingos Gonçalves Pontes, Lúcio Rodrigues Costa e José da Silva Ribeiro, que se oferecem para tomar uma criança.

Vamos: quem mais auxilia os trabalhadores da mina?

Todas as comunicações devem ser dadas para a redacção de A Batalha.

O Comité Confederal

Tribunal de Defesa Social

Terminou anteontem o julgamento de Eugénio Ribeiro e Policarpo Simões acusados de no último movimento por tipo único de pão, terem feito explodir uma bomba na rua Maria Pia. No decorrer do julgamento salientaram-se, como sempre, os dois vogais deste tribunal que satisfizeram os seus instintos condenando os reus apesar das provas não serem conclusivas.

A defesa esteve a cargo do dr. Campos Lima, o qual demonstrou com a sua brilhante defesa a inocência dos seus constituintes.

Mais uma vez se mostrou o quanto é ignóbil e vergonhoso este tribunal!

IMPRENSA NACIONAL

Aclaração

Assinadas por José Maria Gonçalves e António Antunes da Conceição Agostinho, publicou A Batalha de ontem uma série de considerações que, prendendo-se com a Aclaração emanada da direcção deste Sindicato e publicada em A Batalha de domingo último, não podem passar sem os devidos reparos, pela falta de fundamentação que encerra.

Declaram os sinatários que a mensagem é assinada pela maior parte do pessoal.

Assim confirmam que uma parte a não assinou, tal como foi dito pelo Sindicato.

Assim confirmam que, de entre as assinaturas muitas são de operários sindicados.

Pois mesmo por essa razão a Direcção do Sindicato reconheceu a necessidade de se pronunciar, por meio de uma aclaração, para lhes mostrar que o facto encerrava incoerência, tanto maior quanto é certo que não está em conformidade com os antecedentes dos homenageados.

Os sinatários das considerações da nota de ontem, dizem que «a função da Direcção é meramente administrativa, só podendo apresentar qualquer protesto em nome do Sindicato quando ele receba a sanção da assembleia».

Sibem-nos demais José Maria Gonçalves e Conceição Agostinho, para que seja necessário lembrá-los, que a Direcção não tem só a mera função de administrar, porque sempre agiu muitas vezes por si, e só por si, em questões a que não são estranhos os dois indivíduos acima referidos, muitas vezes por calorosos e constantes conselhos do primeiro, e cuja acção acharam sempre muito acertada, ambos.

Quando a Direcção compor-se, actualmente, só de três camaradas por se encontrarem dois demissionários, devemos dizer em abono da verdade que estes últimos ainda não apresentaram devidamente o seu pedido de demissão, pois só depois dele legalmente feito poderão ser chamados à efectividade os suplentes. Mas, quando esta razão não basta, acrescentamos, que encontramos-nos em maioria; julgamos-nos no direito, mesmo ali no dever, de orientar a acção do Sindicato, muito especialmente sob o ponto de vista moral, cumprindo assim gostosamente com os encargos assumidos e a confiança conferida pela Direcção. Só, portanto, uma grande má fé, porque ignorância não é concebível, poderiam levar José Maria Gonçalves e Conceição Agostinho a pronunciarem-se sobre estes factos, de maneira a, com um jôgo malabar de palavras, substituir a razão que lhes falta. Dizem, ainda na sua nota de ontem, que pela razão do conselho de delegados ter colaborado com os representantes operários no C. A. e defenderem os pontos de vista daqueles, a mensagem não representa nem pode representar a negação, quasi que por completo, do esforço do Sindicato.

Gonçalves e Agostinho denunciaram em extremo a sua incoerência, se negassem em absoluto que o esforço do Sindicato na conquista da última melhoria se não tinha verificado; mas o que eles não contestam nas suas considerações é que a mensagem e demais actos consequentes, representam a negação desse esforço. Basta lê-la uma só vez, para se notar quão falsamente se afirma, no seu texto, que só ao C. A. se deve particularmente a melhoria conseguida.

Sobre a declaração feita no sentido de se intitular representantes do sindicato no C. A., não corresponde inteiramente à verdade, pois além da Direcção deste organismo lhes negar, por discordância de processos e pontos de vista de capital importância, o seu apoio, o conselho de delegados demonstrou recentemente não concordar também, de uma maneira franca e clara, com a sua continuação no C. A., sendo flagrante também a falta de razão e de lógica quando afirmam que os três membros da Direcção deste Sindicato usurpam funções que lhes não são atribuídas, quando deviam lembrar-se que eles é que estão usurpando os cargos de representantes do pessoal no C. A., visto o prazo desse mandato ter terminado de direito em 30 de Junho p. p.

Em conclusão: A atitude ultimamente assumida pelos pretensos representantes do Sindicato no C. A., tem sido de tal maneira detestável e tal falta de nobreza, que motiva entre aquela parte do pessoal sempre inconsciente e feiticista, pronta portanto a assinar todas as mensagens que lhe apareçam, uma disposição tão grave, um estado de espírito tão doentio, que se traduz em exclamações como esta, que passamos a reproduzir e do que garantimos a autenticidade: «Associação vai-se dissolver, ainda bem! menos um encargo, o Z. Maria lá está para tratar dos nossos interesses...»

A quanto obriga a vaidade pessoal, o exibicionismo, que faz esquecer a responsabilidade assumida por anteriores afirmações, ao ponto de serem levados a sacrificar, para sua glória, a existência do Sindicato. Responsabilidades a quem de direito. O comunicado publicado ontem em A Batalha veio provar, o que já era convicção nossa, a paternidade de sugestão para uma ridicula e hipocrita homenagem, que se alguma coisa traduziu, não foi mais, nem menos do que a nota flagrante dum grande mistério moral. Miséria moral sim, a que se não quis seguir, muito prudente e inteligentemente, o sr. Luís Drouet que os jornais o dizem — procurou furtar-se a uma manifestação, que não traduzia a sinceridade dum grande parte daqueles que a promoveram e executaram, compreendendo talvez, estar servindo de ponto de apoio para satisfação e interesse muito pessoal, especialmente do primeiro dos sinatários do comunicado que ao presente tinha o seu prestígio muito abalado.

Finalmente se este assunto foi trazido para as colunas de A Batalha, era porque necessário se tornava demonstrar ao público operário, perante o qual temos responsabilidades, que não era com o nosso silêncio que estes lamentáveis, quanto incoerentes factos se verificavam, procurando nós com a devida aclaração ressaltar a dignidade e

Ferrovários do Sul e Sueste

Com bastante concorrência reuniram ontem extraordinariamente os ferroviários do Sul e Sueste, para apreciar a forma como tem sido tratadas as suas reclamações.

A sala da Casa dos Ferrovários estava repleta.

Abre a sessão J. Rodrigues Júnior, secretário por Leopoldo Chilappes e Filipe António Domingues.

Zorro, representante da Delegação Ferroviária de C. Branca, manifesta a sua satisfação por ver as mulheres dos ferroviários assistirem às assembleias dos mesmos.

Joaquim Figueiredo, em nome da comissão administrativa, diz que ela entende protestar contra a exploração que se pretende fazer aos ferroviários e contra a desunião que as entidades superiores pretendem fazer no meio ferroviário e afirma que a classe saberá mais uma vez afirmar a sua consciência colectiva.

Não há ainda o início dum greve; há apenas uma grande efervescência que vibra latente em todos os ferroviários e que poderá trazer consequências graves para a administração.

Não é ainda a greve de «braços caídos», que se manifesta, mas só-lhe há amanhã, e contudo a produção tem diminuído sensivelmente.

É um erro crasso julgar que os ferroviários aceitarão de cabeça curvada as injustiças flagrantes que lhes pretendem impor.

Lúcio Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve de setembro.

Termina, exclamando: — Demitem ferroviários para economia, mas esbanjem-se 2.500 contos, numa viagem ao Brasil, (Apoiados).

Miguel Correia, embora amigo pessoal de Plínio Silva, no campo social inimigos irreconciliáveis.

Julgou sua ex., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a acção dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Joaquim Ramos, como um dos que com ele conferenciou, salienta o procedimento daqueles que se recusaram a conferenciar com o director, porque existindo uma comissão de melhoramentos não faria isso sentido, só o tendo feito por ordem de serviço.

Cebola, diz que a classe só tem um caminho a seguir: fazer o menos possível.

Miguel Correia envia para a mesa a seguinte moção: — «Considerando que a acção desmoralizadora e pouco clara dos dirigentes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, deve responder uma acção defensiva por parte do pessoal, visto não ter o mesmo pessoal até agora conseguido uma garantia sobre a imediata solução das desigualdades de vencimentos e considerando que a recusa do pagamento ao pessoal auxiliar da via é ilegal e injusta, porque sendo assalariado do Estado, como todo o outro pessoal, tem direito a todos os abonos; O pessoal ferroviário do Sul e Sueste resolve: Que enquanto não sejam abonados todos os vencimentos ao pessoal ferroviário, auxiliar e eventual até à data do Decreto admitido, nas condições constantes da nota da reclamação se apresente

A situação de A BATALHA

Foi organizada uma sub-comissão em Faro

FARO, 15.-C. — A União dos Sindicatos Operários, na sua última reunião, apreciou uma circular da grande comissão pró-A Batalha, entregue aquele organismo pelos delegados dos manufatureiros de calçado, sendo deliberado nomear uma sub-comissão, para a qual foram escolhidos Francisco Xavier Pereira Junior, João Crisostomo e Manuel Madeira. Esta sub-comissão já iniciou os seus trabalhos.

Grande Comissão Central

Pró-A BATALHA

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, devendo comparecer todos os seus componentes.

O bom nome não só do organismo que representamos, como ainda da minoria consciente que não comunge em tal manifestação.

Nunca pela ideia nos passou que essa aclaração originasse reparos, e muito especialmente por quem menos autoridade tinha para os fazer. Dando nós o assunto com esta nota por terminado, aguardamos que a dentro do Sindicato, ele seja tratado com a devida elevação e critério, que sempre deverá nortear os princípios que nos iniciaram na luta, os quais não infirmamos e propagados por quem se julga hoje no direito de nos criticar e censurar pela nossa coerência.

Lisboa e Gabinete da Direcção da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional, aos 17 de Outubro de 1922.

A Direcção

Nota da Redacção

—Estranhos a esta questão não queremos que em A Batalha a mesma tenha foros de polémica. Os sinatários da nota que determinou esta resposta declararam, e muito bem, que estes assuntos devem ser tratados de preferência no Sindicato. Damos por feita a questão nas colunas de A Batalha, e como hoje reúne o Sindicato sinatário desta, no seu seio deverá a questão ser terminada.

Classes que reclamam

tadas pela comissão de melhoramentos, cessem todos os trabalhos urgentes além das horas regulamentares em qualquer dependência dos mesmos caminhos de ferro, recusando-se os ferroviários a executá-los quando a isso convidados;

Que se ponha em execução as resoluções da assembleia do dia 29 p. p.;

Que o Sindicato publique um manifesto ao pessoal, sobre as resoluções desta assembleia e que tome todas as medidas que julgue necessárias para que as resoluções de 29 p. p. sejam executadas por toda a classe.

Esta moção foi aprovada por unanimidade e bem assim o aditamento que se segue:

«Os ferroviários do Sul e Sueste resolvem fazer cessar a sua atitude defensiva, garantindo a máxima produção e actividade, logo que a questão posta na moção anterior tenha completa solução.»

A sessão terminou às 23.50.

Ferrovários da C. P.

Pessoal das oficinas e depósitos

Novamente reuniu esta secção para protestar contra o procedimento da Companhia, por ainda não ter cumprido o que se comprometeu fazer: aumentar o jornal dos seus operários de conformidade com o que se paga na restante industria particular.

As fôlhas com os respectivos vencimentos entregues no ministério do Trabalho ainda não foram postas a pagamento, o que prova a má vontade daquela procurada mais uma vez revoltar o pessoal.

Este, indignado, dispõe-se a reivindicar por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infimo jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fôlhas a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministro.

A moção aprovada resume-se no seguinte: registar o procedimento da Companhia; insistir na reclamação da equiparação de vencimentos aos ferroviários do Estado; esperar que a Companhia cumpra o seu dever, reservando o direito do mesmo pessoal de proceder como muito bem entender se a mesma não o fizer brevemente, atendendo a situação económica precária daquele e aos últimos aumentos de tarifas.

A comissão de melhoramentos continua em sessão permanente, devendo realizar mais reuniões.

Aparelhadores e encarregados das obras do Estado

A comissão de melhoramentos deste organismo, convida todos os sócios e não sócios a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do Sindicato, Travessa do Oleiro, 15, para a comissão dar conta dos trabalhos efectuados sobre o aumento de salário e qual o quantum dado sobre os salários actuais.

Operários das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos do Sindicato Unico da Construção Civil convida todos os operários que trabalham nas obras dos Edifícios e Monumentos Nacionais a reunir hoje, pelas 20 horas, na sede do sindicato, calçada do Combro, 38-A, 2.ª, para a comissão dar conta dos trabalhos efectuados sobre os aumentos de salário e qual o quantum que cabe sobre os salários actuais.

U. S. O.

Pró-despesa com o último movimento geral

Mais quantias recebidas: Transporte, 124222. José Pires, metalúrgico, 180; Manuel Pereira Martins, pedreiro, 180; Angelo Soares, alfaiate, 250; Francisco Reis Quevedes, 1300; António Costa, metalúrgico, 1800; Alípio Dias, 1800; que tirada no Arsenal da Marinha, respectivas oficinas: Caldeiras de vapor, 11820; Serralheiros Civis, 8365; Carpinteiros de machado, 12800; Carpinteiros de moldes, 5570; Construções navais de ferro, 14820; Máquinas, 17800; Total desta quota, 68875. Total geral a transportar, 803847.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.

Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral.

EM FARO

Os industriais de padaria querem o aumento do preço do pão

FARO, 15.-C. — Devido ao administrador do concelho não ter autorizado os industriais de padaria a fazer um novo aumento no preço do pão, a maioria não fabrica este género de primeira necessidade, vendo-se o povo em sérias dificuldades para o obter.

Ler na 3.ª página, o folhetim

'O TRABALHO'

A MORTE DE MANUEL MARIA

Um apêlo do Sindicato dos Manufactureiros de Calçado

Tendo chegado ao conhecimento da comissão administrativa do Sindicato dos Manufactureiros de Calçado que o camarada sindicalizado Manuel Maria, alvejado a tiro na rua 1.ª de Dezembro, à porta do Café Colonial, faleceu ontem, às 13 horas, no hospital de S. José, a mesma comissão apela para a classe no sentido de contribuir materialmente com o que lhe seja possível para fazer face às despesas com o funeral daquele camarada e auxiliar sua viúva e filhos, que perdeu o seu único amparo.

Para receber essa solidariedade, encontra-se todas as noites, na sede do Sindicato Ferroviário da C. P., um camarada.

O dia do funeral de Manuel Maria deve ser oportunamente anunciado.

COMUNICAÇÕES

União Têxtil. — Reuniu esta classe para tratar de eleger dois membros para a direcção, sendo eleitos, Alexandre Tomás para 1.º secretário, e Gerardo Ferreira para 2.º.

Aprecionou-se uma circular dos presos por questões sociais, sendo resolvido abrir quetes pelas oficinas em favor de algumas camaradas.

Também se tomou conhecimento da greve dos operários tecelões de seda, deliberando-se auxiliá-los, tanto moral como materialmente.

Resolveu mais fazer a máxima propaganda pela classe, para conseguir uma melhor situação do que aquela em que se encontra, por que devido à grande elevação de preços nos géneros de primeira necessidade, se encontra a classe em precárias circunstâncias.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Comissão administrativa. — São convidados todos os camaradas que foram eleitos no Congresso a tomar hoje, às 20 horas, a presença não só dos camaradas eleitos, como da comissão administrativa demissionária.

S. U. da Construção Civil. — Secção profissional dos pedreiros. — Reuniu esta comissão para tratar de vários assuntos de interesse para a classe. Deliberou tornar a reunir com a presença de todos os delegados para tratar-se do expediente da última assembleia.

Trabalhadores de teatro. — Realiza-se hoje, pelas 16,30 horas, no teatro Apolo, a assembleia geral desta classe para tratar do incidente do teatro Nacional.

Calceteiros de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a assembleia geral deste sindicato para a apresentação do relatório do delegado que foi ao Congresso da Covilhã.

Operários municipais. — Comissão de melhoramentos. — Convidamos a reunir hoje, às 14 horas, na sede da Associação dos Operários do Município, os camaradas delegados à comissão mista dos jardineiros e construtores de jardins, para cada classe para se tratar de assuntos urgentes e indissolúveis.

Fragateiros do porto de Lisboa. — Reúne hoje, pelas 19 horas, a assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe.

S. U. Mobilário. — Não se podendo realizar ontem a assembleia geral deste sindicato, fica transferida para a próxima sexta-feira.

Comissão administrativa. — Reúne amanhã esta comissão, pedindo-se a comparência dos camaradas da direcção dos condutores de carregãos, a fim de tratar de um assunto que se prende com a sua permanência nesta sede.

Teatros

O "Sonho de valsa" no Coliseu dos Recreios

A Companhia Pancani tem-nos prodigalizado bons momentos de arte e para sermos para ela cradores do melhor reconhecimento basta que registemos o serviço que nos prestou com a primeira representação das três operetas *Si, Onde canta a Colôvia* e *Agua serena*, cada uma no seu género, mas todas interessantíssimas. Como interpretação, além de elementos secundários muito aproveitáveis, figuram artistas de incontestável valor como Dora Domar, Dora Theor, Armando Gichi, Henrique Borghese e Guido Cecchi para coroamento do edificio o distinto mestre de orquestra Lamberto Baldi temperamento sacudido de nervos que serve uma bela organização artística.

Por todos estes motivos penalizamo-nos o frio acolhimento com que o público recebeu o *Sonho de valsa* em que a categoria dos que a desmpanham se ressentiu, o que levou a empreza do Coliseu (honra lhe seja feita) a substituir o cartaz da reprise, que tinha aliado, pelo da *Princesa da Cardas*, peça também de opereta e em que os recursos vocais e dramáticos das principais figuras mais se podem relacionar. A companhia Pancani fez bem em substituição e melhor andaria ainda se repetisse ainda, nos poucos dias que lhe restam, outras operetas, uma das quais seria esplendidamente recebida, podia ser *A dansa da fortuna*, extremamente curiosa e cuja interpretação é das mais completas que a companhia assinala.

DEMOCRITO

Noticias

Pelo entrain com que interpretam os seus personagens na farça *O Az*, em scena no teatro Foz, justo é mencionarmos os artistas Maria Clementina e Afonso de Matos, que em papéis extremamente opostos dão-lhe graça e relevo. De resto *O Az*, pelo seu engraçadíssimo e vivo entredo, é uma peça de resistência e capaz de se eternizar no cartaz.

Repete-se hoje a famosa farça. — O elegante e cómico Salão Olimpia mais uma vez acertou. O «film» que está no «écran» do concorrido cinema tem atraído ali grande concorrência. E' ele o drama «A Princesa Escrava» e desde anteontem que estão sendo exibidos 10 episódios divididos em vinte partes todos eles interessantíssimos e de um entredo emocionante, tornando esse «film» verdadeiramente assombroso.

Está dando os seus últimos espectáculos a magnifica companhia italiana de opereta que leva hoje a 1.ª e última representação, que tem obtido sempre um sucesso colossal. Aproveite pois, o público as poucas noites de arte que o Coliseu lhe oferece e que são de molde a satisfazer os mais exigentes.

— Ressaltamos agora a formosa peça de Alexandre Dumas, filho, no Politeama, foi um acto louvável da Companhia Rey Colaco-Robles Monteiro, que dele está colhendo óptimos frutos. A concorrência e extraordinária e a illustre actriz Palmira Bastos, a quem cabe a parte de *Margida Gaudier* é todas as noites vitoriosa com delírio. Henrique de Albuquerque e todos os outros artistas

Contraternização dos operários mobilários

Para vários assuntos, que se prendem com o jantar de confraternização que os operários da industria do mobiliário realizam no próximo domingo, convidamos a reunir hoje, pelas 21 horas, todos os camar

OS HOMENS DA REVOLUÇÃO

Esbôço biográfico de Alexandre Berkman

Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

D.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL
S.	2	9	16	23	30	Aparece às 6,48
T.	3	10	17	24	31	Desaparece às 17,55
Q.	4	11	18	25		
Q.	5	12	19	26		
S.	6	13	20	27		
S.	7	14	21	28		

MARES DE HOJE

Praia	às 0,39 e às 13,05
Baixamar	às 6,09 e às 18,35

CAMBIOS

Países	Moedas	Antes	Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	855	1008	611
Áustria	Coroas	81,1	—	—
Bélgica	Francos	81,8	1830	1847
Espanha	Pesetas	817,8	5005	5122
E. U. A.	Dólares	802,4	18860	21810
Francia	Francos	817,8	18480	18580
Holanda	Florins	837,9	7478	8426
Inglaterra	Liras	489	2560,0	106,000
Italia	Liras	817,8	8241	8588
Suécia	Francos	817,8	5 000	5,865

CARTAZ

S. CARLOS. — Não há espectáculo.	
S. LUIS. — A's 21. — A Leitura d'Entre Arrolas, opereta.	
AVENIDA. — A's 21, 15. — Cam, mesa e roupa lavada.	
POLITEAMA. — A's 21, 30. — A Dama das Camélias.	
EDEN TEATRO. — A's 21. — O crime de Cochicho.	
COLISEU. — A's 21. — Companhia italiana de opereta, «Eva».	
APOLLO. — A's 21, 15. — O cigarro brejeiro, revista.	
SALÃO ROYAL. — A's 21, 30. — O A's.	
CIRCO ROYAL. — A's 21, 30 e 22, 30. — Circo e Variedades.	
GIL VICENTE. — A's 21. — Espectáculos no domingo, segundas e quintas-feiras.	
CHIADO TERRAS. — A's 2 e 7, 30. — Música e baile. — A Seta Tenebrosa. — 51 partes. — Completa.	
OLIMPIA. — Animatógrafo.	
CONDES (Avenida). — Animatógrafo.	
CENTRAL (Avenida). — Animatógrafo.	
ROSSIO (Arco Banguela). — Animatógrafo.	
CHATEAU (Avenida). — Animatógrafo.	
IDEAL (Correio). — Animatógrafo.	
EXCELSIOR (Teatro dos Afios). — Espectáculos cinematográficos, às 21, 30.	
PROMOTORA (no Calvário). — Animatógrafo.	

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Ortega, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires e portos do Pacífico.	18
Kersaint, Brasil, Argentina e portos do Pacífico.	18
Holm, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.	19
Herschel, portos do Brasil e Argentina.	20
Canada, Ponta Delgada, Angra e Horta.	20
City of Chester, Lourenço Marques, Lisboa e todos os portos da África Oriental Portuguesa.	20
Tankajha, Tenerife, Las Palmas, Lozano, Lobito, Cidade do Cabo, Porto Elizabeth, East, London, Lourenço Marques e Beira.	25
Massilia, portos do Brasil e Argentina.	25
Andes, Madeira, Portos do Brasil e Argentina.	26
Desna, portos do Brasil e Argentina.	26
Gelria, portos do Brasil e Argentina.	30

HORARIO DA LINHA DE SINTRA

Partida de Lisboa	Chegada em Sintra	Partida de Sintra	Chegada em Lisboa
0,35	1,39	0,12	1,09
6,10	7,19	6,15	7,14
7,45-a	8,16-a	7,35	8,33
8,50-a	9,30-a	8,32	9,20
9,10-b	10,22	8,40-f	9,11
10,10	11,21	9,51	10,25
11,27-b	12,39	9,40-f	10,10
12,15-b	12,51	9,51	10,25
12,50-c	13,55	12,00	13,02
14,00-b-d	15,09	15,35-e	16,34
15,30-e	16,36	17,01	18,00
17,30-a-e	18,00	18,10-e-f	18,32
18,00-e	18,51	18,25-b	19,24
18,15-a-e	18,40	18,56-c-f	19,24
18,15-b	19,19	19,32	20,30
18,58-e	19,58	21,02-b	21,59
19,30-e	20,06	22,40	23,38
19,55	21,02	—	—
21,00-b	22,04	—	—
22,47	23,50	—	—

a. Só até Queluz. — b. Só aos domingos e feriados. — c. Não há aos sábados. — d. Só aos sábados. — e. Só nos dias úteis. — f. Só de Queluz.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

VULGARIZAÇÕES

Os dias de descanso. — Os pagãos descansam à segunda-feira; os malabares, à terça; os habitantes da Quin, à quarta; os índios idólatras, à quinta; os sectários de Mahomet, à sexta; os judeus ao sábado; os cristãos, ao domingo.

COZINHA E COPA

Canja de galinha. — Põe-se ao lume uma panela com água e em estando em ebulição, tempera-se com presunto, sal e um pouco de chouriço. Logo que torne a ferver, deita-se-lhe a galinha e faz-se continuar a ebulição durante duas horas aproximadamente.

Quando a galinha estiver cozida, tira-se da panela, passa-se o caldo por um passador, e coze-se nele uma porção de arroz.

No momento de se servir a canja, juntam-se ao caldo os miúdos da galinha, havendo também quem lhe adicione algumas gemas de ovos desfeitos.

MORANGADA

Depois de muito bem lavados os morangos em bastante água tiram-se-lhe os pés e põem-se a escorrer na peneira ou num passador. Em seguida, junta-se-lhes peso igual de açúcar fino, esmagando os morangos com o colher de pau. Vão então ao lume, mexendo sempre até que a massa adquira a consistência de marmelada.

HIGIENE E MEDICINA

Dormir em comboio. — O célebre médico alemão, dr. Outten, recomenda que, quando se quiser dormir, andando em caminho de ferro, se coloque sempre a cabeça em direcção ao lado para onde se vai. Disto resulta que o movimento da marcha faz descer o sangue

da cabeça para o resto do corpo, tornando assim o sono leve e tranquilo. O contrário do que acontece quando se reclinamos o corpo para o lado da cabeça do comboio, porque então o sangue afflue ao cérebro e produz dores de cabeça. Também, em caso de abaloamento, se encontra vantagem na adopção da postura recomendada pelo dr. Outten; porque, quando a máquina encontra qualquer obstáculo, já não deixa de sacudir para trás tudo que vai no comboio, e assim, sendo as pernas, e não a cabeça, que aguentam o choque, menos perigoso é se tornar para o viajante.

VÁRIAS

Para colorir as flores. — Mele-se a extremidade do pedúnculo, recentemente cortado, no banho de cor. Pelo efeito da capilaridade a água ascende pela haste, e, passadas algumas horas, a matéria colorante penetra nas pétalas; a orla destas é a que primeiramente começa a colorir-se ligeiramente; depois, pouco a pouco, a coloração invade toda a flor.

A coloração nunca se produz imergindo toda a flor no banho, e muito menos fazendo actuar a cor directamente sobre as pétalas da flor. É preciso que a absorção se realize pela maneira indicada, quer dizer, por capilaridade e melhor ainda por injeção, como se faz para tingir a madeira.

A coloração verde obtém-se com o chamado verde brilhante. A cor violeta dá-se com o violeta de metila (de anilina). Para o tom rosa utiliza-se o róxo de anilina chamado fuchsina.

Estas matérias colorantes empregam-se em dissolução mais ou menos diluída, consoante a intonação que se deseja obter-se. A solução aquosa filtra-se, e se é necessário, adiciona-se-lhe um pouco de álcool para facilitar a dissolução da matéria colorante.

Lucas apertara-lhe a mão, que guardou um instante entre as suas. — A senhora é que é adorável por ter pensado em mim. Tenho muito prazer, muito, em tornar a vê-la!

Era mais velha que ele três anos; conhecera-o na miserável casa que ele habitava na rua de Bercy, ao pé da fábrica onde tinha começado a sua vida como modesto engenheiro. Muito discreta, distribuindo pessoalmente as suas esmolas, lá a casa d'um pedreiro, que ficava lá, com seis filhos, e achando-se o mancebo no casebre, com as suas pequenitas mãos, ele, um rapaz, uma tarde que ela fora lá levar roupa e pão, fizera-se o conhecimento, e ele tivera depois ocasião de ir visitá-la ao palácio do parque Monceau, para tratar de um grande acto de caridade comum. Uma grande simpatia os unia pouco a pouco ligado, e ele tornara-se o seu ajudante, o seu mensageiro ignorado de todos, em negócios que só os dois conheciam. E fora assim que ele acabara por frequentar o palácio, convidado para as noites em dois invernos, e lá conhecera os Jordan.

Se subisse que saudades deixou, se subisse como tem sido chorada, limitou-se ele a acrescentar, por única alusão à sua cumplicidade antiga de bons corações.

Ela teve um gesto comovido, murmurou:

— E verdade, meu bom amigo, vim para aqui esperar os meus convidados, como camponesa que não tem o ar livre. Como é amável em ter aceitado o meu convite a última hora!

E sorria-lhe de muito estendida. Não era bonita, mas era encantadora, muito loira, baixa, com uma fina cabeça redonda, os cabelos frisados, os olhos d'um azul doce. O marido achára sempre d'uma insipidez depravada, sem parecer ter já mais presenteado a bondade delicada e a sólida razão que se ocultavam sob o seu ar de grande simplicidade.

(Continua)

Para fazer um esboço biográfico, ainda que se tratasse de um homem ordinário, seria difícil no espaço limitado que está à minha disposição, de modo que para fazer a biografia de um homem cuja personalidade é tão complexa e cuja vida é tão fecunda em acontecimentos como a de A. Berkman, isso se torna quase impossível. Para se dar satisfação num assunto tão rico e tam matizado, não se deve estar limitado pelo espaço, como eu estou.

Não vou, pois, tratar de fazer uma biografia, como o momento requer. Vou simplesmente traçar as linhas principais a respeito da vida e da actividade do nosso camarada, que poderão servir de introdução a um escrito de maior importância. Talvez que ajude o leitor a conhecer a própria história de Alexandre Berkman: «Memórias de prisão de um anarquista», que mostram as diversas fases da sua vida e do seu ideal, muito mais poderosa e mais íntima que qualquer biografia a possa fazer.

Esta grande obra ainda não foi traduzida e publicada em diferentes idiomas é preciso por isso censurar os anarquistas europeus: eles aderem demasiado às obras velhas, às obras que tratam das teorias anarquistas. Deviam aperceber-se de que os rebeldes da vida humana, fides a essas teorias, a luta e o rude labor do seu espírito, são mais vitais e mais significativas do que as próprias teorias. As «Memórias de prisão de um anarquista» são mais poderosamente expressivas do que a teoria e do que o ideal por que Alexandre Berkman tem vivido, tem batalhado e tem sofrido toda a sua vida.

A Rússia pre-revolucionária era tam fecunda em caracteres revolucionários notáveis que seria em vão que se quizesse distinguir qual a figura mais heróica do movimento revolucionário deste país. A Rússia foi o sol mais fecundo para a produção do pensamento e do sentimento revolucionários. A flor melhor que brotou desse solo — a juventude revolucionária russa — é única nos anais da história revolucionária.

Alexandre Berkman surgiu desse solo. Nasceu em Wilna, em 22 de Novembro de 1870 em uma época rica de ideias e actividade revolucionárias, época durante a qual a Rússia foi sacudida até aos alicerces pelo heroísmo e pelo sacrifício dos seus mártires revolucionários. Alexandre Berkman, sensível e idealista, não pôde escapar à influência do momento durante o qual toda a Rússia foi arrancada das suas velhas amarras e em que foram lançadas as sementes de uma nova concepção da sociedade humana política, religiosa e moral, económica e social. Assim, por exemplo, vemos Alexandre Berkman, aos 12 anos, escrever um ensaio que negava a existência de Deus; aos 15 membro de um grupo que se propunha estudar a literatura revolucionária. O que ajudou ainda provavelmente a formar o espírito e o carácter de Berkman foi a vida trágica do seu tio «Maxim», desterrado para a Sibéria pela sua actividade revolucionária. Mas ainda sem a inspiração desta figura heróica, no meio da sua família burguesa, a sua juventude de foga ter-se ia consagrando à causa da humanidade.

O revolucionário criador, como o verdadeiro artista, é-o mais pela sua própria impulsão do que pelas influências exteriores. A vida inteira de Alexandre Berkman é a prova.

Por causa do seu espírito rebelde, foi expulso do *Gymnasium*; deram-lhe um passaporte especial que lhe fechava as portas para as profissões. Emigrou para a América, que nessa época era a terra mais hostil às ideias revolucionárias.

Era em 1888, só alguns meses depois do assassinato judicial dos anarquistas de Chicago, quando Alexandre Berkman chegou aos Estados Unidos.

Na Rússia tinha sabido do crime de 11 de novembro de 1887, pois que no seu livro conta como se havia familiarizado com os nomes de João Most e dos mártires de Chicago na pequena biblioteca de Kovno; apesar disso o jovem Alexandre foi para a América com fe nas suas liberdades democráticas. Pouco depois descobriu o engano da liberdade política americana e do oportunismo económico.

Se a convicção no seu ideal não estivesse tam arraigada em Berkman, teria sumido no abismo americano, como o foi a grande maioria da fluxa europeia. A intensa luta pela vida e as lutas ocasionais que se apresentam ao homem que é impulsionado para um

êxito material teriam açambarcado toda a sua energia e o seu tempo. Numerosos russos revolucionários, que foram para a América procurar asilo, se deixaram absorver completamente pela perseguição selvagem da riqueza e das suas satisfações.

Não aconteceu o mesmo com Alexandre Berkman. No seu espírito criador cujo rasgo dominante é a impulsão para propagar uma vida nova; para propagar novas fórmulas, que importam as dificuldades e o preço da luta?

Foi este rasgo, principalmente, que fez de Alexandre Berkman a figura mais saliente do movimento revolucionário e anarquista dos Estados Unidos.

Não tardou em sacudir a indiferença deste país. Primeiro nos círculos hebreus, no grupo chamado «os pioneiros da liberdade». Berkman converteu-se em um dos espíritos mais activos e abnegados, e mais tarde, no movimento anarquista alemão, dirigindo nesse momento por João Most. Mas tudo isto foi mais do que uma vaga preparação para o trabalho supremo para o qual era impulsionado pela sua irresistível rebeldia contra todos os sofrimentos sociais.

Em 1892, por ocasião da greve na região do aço, a primeira e a mais importante luta de morte dos trabalhadores do Estado de Pensilvânia contra o seu senhor feudal, Andrew Carnegie, desportou todo o país da escravidão, da exploração na indústria. Essa grande luta, poderosamente descrita por Alexandre Berkman, nas suas «Memórias de prisão», foi acompanhada pela importação de espionagens Pinkerton que foram armados dos *Thugs* (membros de uma seita religiosa de ladões índios) — detectives favoritos e defensores da polícia da plutocracia americana de há 30 anos — que mataram onze grevistas, entre eles uma criança de dez anos. O responsável deste crime era F. H. Frick, representante e sócio de Carnegie.

A atitude brutal de Frick ante os grevistas, a sua declaração pública de que preferia vê-los matar antes de fazer a mínima concessão, e o assassinato final de 6 de julho de 1892, de trabalhadores não armados, promoveram a indignação na América. Também a imprensa conservadora denunciou Frick nos termos mais acerbos. Em toda a América, os trabalhadores deram livre curso aos seus sentimentos em comícios de protesto. Mas não houve mais do que um homem que traduzisse a cólera dos trabalhadores por um acto heróico. Este homem foi Alexandre Berkman. No dia 22 de julho de 1892, entrou na oficina de Frick e atendeu contra a sua vida, metendo-lhe três balas no corpo, mas Frick sobreviveu. Berkman foi condenado a 22 anos de prisão, ainda que o seu acto, segundo a lei do Estado de Pensilvânia, não implicasse mais do que sete de prisão. Para poder infringir tal sentença ao nosso camarada, forjaram-se seis testemunhas falsas contra ele, pois tinha intentado ferir o próprio corpo da plutocracia industrial americana.

Foi o primeiro gesto anárquico de terror económico nos Estados Unidos, e Alexandre Berkman pagou duramente o seu protesto revolucionário. Passou catorze anos na prisão mais terrível, na penitenciária de «Allegheny», da Pensilvânia. O que foram estes anos está descrito por mão de mestre nas «Memórias de prisão». Bastará aqui dizer que enquanto que Berkman sofria todas as torturas imaginárias do corpo e do espírito, a nossa civilização cristã intentou aniquilar o rebelde, o que não impediu que saísse da sua tumba mais entusiasmado do que nunca da verdade e da beleza do seu ideal.

Não obstante não se pode ser excluído da vida durante catorze anos e a ela voltar facilmente. Alexandre Berkman, depois da sua libertação, lançou-se na actividade revolucionária americana com tanto fogo e paixão como dantes, mas a sua longa detenção e a recordação das infelizes vítimas deixadas atrás de si, fizeram das suas relações com o novo ambiente um Golgota diário.

Durante seis anos, Alexandre Berkman fez um esforço sobrehumano para reviver e foram bem empregados. Editou a revista «Mother Earth» (*Terra Mãe*), publicação que eu tinha começado em Março de 1906. Realizou conferências, tomou parte em greves, foi um dos organizadores da Escola Ferrer, em Nova York, e um dos seus primeiros professores. Converteu-se no animador de todos os movimentos importantes da América. Mas não foi senão quando terminou as suas «Memórias de prisão» e

que a sua obra reviven ante ele, não foi senão então que se dissipou a sombra negra dos seus terríveis anos de prisão. O seu livro tinha-o emancipado, e experimentou outra vez o calor da nova vida. A partir desse dia, Alexandre Berkman dedicou-se intensamente ao trabalho, organizando, inspirando, criando. Em Nova York, em 1914, esteve à frente do movimento do sem-trabalho. Cooperou na organização da onda de indignação que atravessou todo o país no momento da greve dos mineiros de Lodlow (Colorado), em que os homens, as mulheres, as crianças foram fuzilados e queimados vivos pelos *Thugs* mercenários de Rockefeller. Com os seus camaradas de Nova York, bateu-se até na própria cidade do senhor feudal, a residência de Tarrytown do rei dos plutocratas americanos. Mais tarde, por causa das grandes qualidades organizadoras de Alexandre Berkman e da sua popularidade entre os trabalhadores, desafiou a proibição policial de organizar os funerais públicos dos três camaradas mortos na explosão de 3 de julho de 1914, em Nova York.

A polícia entrou em cena — a Union Square (o lugar habitual das reuniões) — disposta a massacrar, mas a presença de 20.000 trabalhadores inspirados e resoluções impôs-lhe respeito. Não se atreveu a pôr em execução o seu plano assassino.

Durante todo o verão de 1914, Alexandre Berkman foi o espírito vivo da campanha anti-militarista, com a ajuda da revista «Mother Earth» organizaram-se numerosas reuniões e comícios, distribuíram-se centenas de milhares de prospectos com o fim de fazer conhecer o crime do militarismo e de encontrar um eco para os nossos esforços no coração e no espírito dos trabalhadores.

Em 1915, Alexandre Berkman dedicou-se à campanha a favor de Caplan e Smidt, acusados de participação na famosa propaganda dos irmãos Mac Namara. Percorreu uma grande parte da América do norte: propagando a sua causa, organizando comités de defesa, procurando fundos, e em toda a parte foi o corpo e a alma desse labor. Ao chegar a San Francisco decidiu editar um periódico operário revolucionário, o «Blas», que apareceu durante dez meses difundindo as ideias do sindicalismo anarquista e revolucionário nas organizações operárias. Em julho de 1916, teve lugar a explosão da «Preparação para a Parada de Preparação», em San Francisco, seguida da prisão de cinco operários militantes: Thomas Mooney, Billings, Mm. Mooney, Weinberg e Nolan. O pânico habitual depois destes acontecimentos, se apoderou de todo o movimento operário da costa do Pacífico. Os *leaders* operários temiam cobardemente aparecer em auxílio dos seus irmãos encarcerados; os socialistas recusaram-se igualmente a socorrê-los; Mooney e Billings e os seus companheiros foram abandonados pelos seus camaradas de trabalho e pelos seus amigos.

Como sempre, os anarquistas lançaram-se na luta; Alexandre Berkman concentra toda a sua energia em organizar uma vasta campanha em todo o país a favor das vítimas da conspiração capitalista contra o trabalho. Percorre todas as regiões, apresenta-se em cada uma das organizações operárias, desde San Francisco a Nova-York. Bate a todas as portas e passa dias e noites com os *leaders* operários mais activos para os convencer da inocência de Mooney e dos seus camaradas. Em resumo, Alexandre Berkman converte-se no Zola do assunto Dreyfus americano, o seu «eu acusou» é difundido por todos os países. Salva a vida a Mooney e a Billings. A agitação intensa fez conhecer em toda a parte o crime tam cobarde do Estado de California, maquinado pela Câmara do Comércio.

Se Alexandre Berkman tivesse podido continuar esta campanha, Mooney e Billings estariam em liberdade há muito tempo, mas a entrada dos Estados Unidos na grande guerra ordenou-lhe, assim como a todos os anarquistas, a direcção de todos os seus esforços para uma campanha anti-militarista. O assunto Mooney ficou nas mãos dos políticos operários e o resultado é que Mooney e Billings estão ainda na prisão.

Depois veio a propaganda contra o serviço militar obrigatório. Começada pelo nosso pequeno grupo, em Nova-York, estendeu-se rapidamente por todo o país. A nossa obra, por conseguinte, encontrou muito entusiasmo; a camarilha militar e patriota viu o perigo dessa campanha e empregou medi-

das draconianas. Alexandre Berkman, outros camaradas e eu, fomos detidos, julgados e condenados a dois anos de penitenciária, dez mil dólares de multa e depois à deportação.

No que respeita a Alexandre Berkman a plutocracia era mais exigente. Quería fosse enforcado. A Câmara de Comércio da California não lhe tinha perdoado a sua actividade no assunto Mooney. Os esforços, a vontade de Berkman tinham-lhe arrancado a sua prisão. Sem Berkman teriam feito desaparecer os cinco trabalhadores presos, tinha agido o seu festim de sangue. Era preciso que pagasse isso.

Alexandre Berkman encontrava-se então em Nova York. O problema consistia em o levar para San Francisco. Ema vez ali a sua vida estava perdida. A prisão do nosso camarada e a acusação de propaganda contra a guerra produziu-se em um momento psicológico que convinha exactamente à Câmara de Comércio de San Francisco. Forjou-se rapidamente uma acusação contra Berkman na qual aparecia a sua cumplicidade numa explosão originada em San Francisco, enviaram-se os expedientes para Nova York para o extradição. Mas os agentes da California não tinham contado com o movimento operário de Nova York. Um milhão de trabalhadores organizados se levantaram para o defender. Queriam, estimavam o nosso camarada e consideravam-no como um espírito animoso e incorruptível em continua batalha pela sua causa.

As organizações operárias enviaram importantes delegações perante o governador do Estado de Nova York para protestarem contra a extradição de Alexandre Berkman. O perigo que ameaçava Berkman foi nesse momento conhecido na Rússia.

Os operários revolucionários de Petrogrado e os marinheiros de Cronstadt, organizaram demonstrações ameaçando a vida do embaixador norte-americano na Rússia, Mr. Francis. O governo federal de Washington foi posto ao corrente da situação. Teve medo de que a extradição de Berkman tivesse como repercussão represálias contra o seu embaixador. O pedido de extradição feito pela California foi recusado e o nosso camarada conduzido para a penitenciária federal de Atlanta, Estado da Georgia, para sofrer dois anos de condenação pela sua propaganda contra a guerra.

Depois de ter lido a história de Alexandre Berkman e as espantosas condições de existência na penitenciária de «Allegheny», tem-se a impressão de que

Estocolmo, Março de 1922

Emma GOLDMAN

Banco de carpinteiro

Vende-se, Rua da Madalena, 257.

Sapateiros

Precisam-se, para gaspedos e meias solas, Rua das Praças, 3, à Lapa.

FUNILEIRO

Precisa-se oficial. António Lopes de Sousa, Abrantes.

Carpinteiros

Com prática de oficina, na precisam-se na rua Nova do Desterro, 14, oficina n.º 4.

CARPINTEIROS

Precisam-se, Casal da Peça, Albarraque

Ricos...

Remediados...

Pobres...

Podem e devem comprar

calçado sólido e elegante.

O calçado que vendemos

faz de cada freguês um amigo.

Calçado só em qualidade

garantida.

Preços muito baratos

«Pavilhão Americano»

Rua Marquês Alegrete, 77

Estocolmo, Março de 1922

Banco de carpinteiro

Vende-se, Rua da Madalena, 257.

Sapateiros

Precisam-se, para gaspedos e meias solas, Rua das Praças, 3, à Lapa.

FUNILEIRO

Precisa-se oficial. António Lopes de Sousa, Abrantes.

Carpinteiros

Com prática de oficina, na precisam-se na rua Nova do Desterro, 14, oficina n.º 4.

CARPINTEIROS

Precisam-se, Casal da Peça, Albarraque

Ricos...

Remediados...

Pobres...

Podem e devem comprar

calçado sólido e elegante.

O calçado que vendemos

faz de cada freguês um amigo.

Calçado só em qualidade

Enviem-se amostras

Rua Garrett, 99 - Tel. 4634 R. Sa da Bandeira, 331, l. 1.º

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

.....

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

Chave de Esperanto.....	\$20
Postais a	\$05
Pelo correio mais 10 % e 10 ctvs. para registro	

Cura das doenças pelas plantas
 À venda na administração de «A
 Balsa» — Preço \$100.

Lisboa, 3 de Outubro de 1922.
O Eng. Sub-Director da Companhia,
(a) *Santos Viegas*

o homem a 20\$
o ver, pois só lá se encon
Barato e Bom
A. dos Cavaleiros, 20, com filial no A.